TURISMO: DISCIPLINA DESREGRADA

TOURISM: DISCIPLINE UNRULY

TURISMO: ASIGNATURA SIM REGLAS

MARCO ANTONIO MITIDIERO JUNIOR
Professor do Departamento de Geociências
Universidade Federal da Paraíba.
End: Rua São Gonçalo, nº 89, AP. 306, bairro Manaíra,
CEP 58038-331, João Pessoa-PB.
Email: mitidierousp@yahoo.com.br

RESUMO
A idéia deste texto é colocar em discussão o chamado processo de cientificização ou academicização do Turismo. O escopo central da reflexão parte da experiência do autor como docente de Turismo, da leitura especializada sobre o tema e da participação em eventos que tem por objetivo discutir esta temática. É possível uma ciência do Turismo? O texto parte desta indagação.
Palavras-chaves: Turismo, Ciência e Formação Acadêmica, Discurso.

ABSTRACT
The objective of this text is discuss the process of "cientificação" or "academicização"[1] of Tourism. The central part of the think initiates of the author's experience as professor of Tourism, of the specialized reading about the subject and of the participation at events that discuss this theme. Is it possible a Tourism science? The text initiates of this question.
Keywords: Tourism", Science and Academic Formation, Speech

RESUMEN
La idea de este texto es poner relieve al proceso de discusión llamado cientificización o academicización del Turismo. El ámbito de aplicación de la parte central de la reflexión de la experiencia del autor como

[1] As palavras cientificização e academicização são palavras que não têm tradução para o inglês, já que não existem no dicionário português por se tratarem de palavras criadas pelo autor para nomear os dois processos discutidos no texto.

profesor de Turismo, el especialista en lectura sobre el tema y participar en eventos que tiene por objetivo discutir esta cuestión. ¿Puede una ciencia de Turismo? El texto surge de esta indagación.
Palabras Clave: Turismo, Ciencia, Formacion Academica, Discurso

I INTRODUÇÃO

A temática do Turismo aparece como um dos principais ***investimentos*** adotados e impulsionados pela iniciativa privada, pelo poder público e, particularmente, pelos intelectuais que se colocam a serviço do entendimento e da promoção desta atividade como fator de desenvolvimento de diversas dimensões sociais e econômicas dos lugares no mundo contemporâneo.

Basta olharmos para todo o movimento levado a cabo pelo Turismo: são inúmeras as faculdades que semestralmente lançam seus novos cursos, no caso, hotelaria e turismo; são diversas as revistas e livros especializados lançados mensalmente; são vários os administradores públicos que geram o discurso entusiasta do futuro com e pelo turismo; é a iniciativa privada que encontrou em uma antiga atividade a sua mais nova forma de renda empresarial. Tudo isso impulsionado pelos fluxos de turistas que circulam pelo o mundo inteiro. Portanto, propor uma discussão que tenha como objetivo principal realizar uma crítica direta a quase todo o discurso[2] e toda a prática em torno do desenvolvimento do turismo como atividade essencialmente econômica e como disciplina acadêmica é no mínimo *"navegar contra a corrente"*. Dessa forma, procuro deixar claro que os comentários que explicitarei a seguir não se tratam de uma negação da atividade em voga e muito menos do conhecimento gerado através dela, mas sim, procuro polemizar com o intuito de gerar um debate acerca da atualidade das transformações acarretadas pelo turismo. Já que, talvez, seja a corrente que esteja navegando contra nós.

Privilegiarei a formação acadêmica do turismo para a discussão, em detrimento das outras dimensões desta temática, por constatar que a possibilidade do estatuto científico desta matéria legitime o ímpeto transformador, e muitas vezes inconseqüente, dos promotores de turismo.

[2] São diversas as matrizes discursivas geradas em prol do rápido desenvolvimento dos lugares com e pelo turismo, entre elas, o da preservação ambiental e cultural e da capitalização de renda são as mais recorrentes.

Dessa forma, as reflexões que exporemos a respeito do debate acadêmico sobre o Turismo originaram-se da participação no *"IV Congresso Internacional de Turismo da Rede Mercocidades: Um Outro Turismo é Possível? Globalização, sustentabilidade e crescimento com desenvolvimento local",* realizado em Porto Alegre – RS, entre os dias 29 e 31 de agosto de 2002, e da experiência do autor como docente da disciplina Geografia do Turismo na Universidade Federal da Paraíba. Por isso, as notas a seguir terão, também, um caráter de relato frente à forma, estrutura e conteúdo deste evento que reuniu os principais e mais importantes pensadores/promotores[3] do turismo nacional e internacional e da pesquisa bibliográfica e vivência cotidiana com a referida disciplina.

II A JUSTIFICATIVA DADA

É freqüente encontrarmos nos livros sobre Turismo, geralmente nas páginas iniciais, a afirmação de que a atividade turística apresenta-se atualmente como o terceiro maior produto gerador de riqueza no mundo, responsável por uma parte significativa do Produto Interno Bruto (PIB) global, ficando atrás apenas da indústria de armamentos e de petróleo. Assim, com a determinação vinda do mercado, a justificativa para a arquitetura de uma estrutura acadêmica e de um status científico para o Turismo é dada pela maioria de seus pensadores/promotores e alguns interlocutores (Estado e iniciativa privada). É com este intuito, entre outros, que o debate nascente sobre o turismo no Brasil está em pleno desenvolvimento.

Justificar o estudo do Turismo é estabelecer uma relação necessária com os números. A quantificação de todas as suas dimensões, desde a quantidade de turistas a cada ano em determinadas localidades do mundo à quantidade de dissertações e teses defendidas abordando tal temática está sendo quantificado por seus pensadores/promotores, os quais passaremos chamar, também, pelo controvertido título: turismólogos.

A quantificação apresenta-se cada vez mais importante para os turismólogos na medida em que ela própria não é discutida e contestada. O sistema estatístico do turismo baseado na simples

[3] Proponho a expressão pensador/promotor a fim de localizar o papel do profissional acadêmico do Turismo, que é, ao mesmo tempo, o sujeito que reflete sobre o tema e freqüentemente aparece como promotor desta atividade. Existe, também, na literatura sobre o tema a denominação de "gestores".

contagem dos viajantes definidos como estrangeiros que permanecem fora da sua residência pelo menos por um dia, regra posta pela Organização Mundial de Turismo (OMT), exige que a definição de turista seja indefinida, desregrada. Todos que viajam são turistas?

Os usos das estatísticas também são importantes para o Estado e para a iniciativa privada como elemento norteador das suas ações e como justificativas destas ações. O cálculo das rendas geradas pelo turismo serve diretamente à iniciativa privada e a quantificação dos empregos gerados pelos empreendimentos turísticos serve ao Estado. O turismo tornou-se arma política em todos os discursos. As provas vêm em forma de estatística.

Será que os números de geração de emprego, por exemplo, comportam a imensidão de "catadores" e amassadores de latas de cerveja e refrigerante, a quantidade de vendedores de coco e guardadores de carro e até da prostituição gerada nas localidades turísticas? Ou seja, será que o trabalho informal está sendo incorporado nestas estatísticas para fundamentar as ações de apoio ao desenvolvimento do turismo, no local que for, pelo Estado e, principalmente, pela iniciativa privada sempre apoiada nos e pelos diferentes níveis governamentais?

No plano do discurso proferido pelos gestores do turismo, público ou privado, e dos turismólogos, além das estatísticas como justificativa, apresentam, também, a necessidade da preocupação social desta atividade mundial. O ***"turismo social"*** está na base de todos os discursos. Conceito mais indefinido que a própria definição de turista, o turismo social aparece nas falas e nos escritos como a possibilidade da ação concomitante para o fim das desigualdades sociais dos lugares privilegiados pela atividade turística. Dessa forma, o turismo geraria emprego e renda para a população residente, por isso ele seria social.

População residente, população autóctone, comunidade local ou ainda, sempre pejorativamente, os nativos tornaram-se objetos de preocupação presentes nos discursos. O projeto turístico produzido e realizado juntamente com a comunidade local tornou-se pré-requisito teórico-discursivo nas falas dos turismólogos. Dadas as raríssimas exceções para a realização deste requisito, a realidade destrutiva e devastadora dos impositivos projetos turísticos, geralmente condutores de um desordenamento e desagregamento social da comunidade - travestido por um ordenamento teórico preso ao

planejamento e às ciências de gestão e representados pela racionalidade técnica e competente dos especialistas[4] - não são explicitados e muito menos apresentados como temas para o debate entre os pensadores/promotores do turismo.

Ocorre um processo de exaltação ideológica da idéia de planejamento. Por outro lado, a história do planejamento impulsionada no Brasil desde a década de 1950, nos mostra atualmente, nos seus resultados práticos, que a idéia de planejar os investimentos estatais e privados acarretou o acirramento das desigualdades sociais. Ou seja, a idéia de planejamento, na maioria das vezes, trouxe ganhos econômicos para alguns indivíduos em contrapartida da socialização das perdas sociais e ambientais geradas no processo de desenvolvimento planejado.

A inclusão da palavra "social" na definição de um fenômeno estritamente praticado pelos homens (isto é, pelos humanos) que é o turismo, não resolve os problemas sociais pré-existentes nas localidades e muito menos os problemas sociais resultantes dos processos turísticos diante da comunidade local; o mesmo ocorre com a idéia de planejamento. O discurso justifica-se pelo discurso, já que aceitar a realidade dada parece ser resultado de uma estratégia continuamente retroativa que deixaria a necessidade do discurso pretensamente transformador sempre na ordem do dia. Ou seja, me parece que o discurso com a preocupação social do turismo serve como estratégia de marketing aos tecnocratas efetivadores das políticas para o setor. Por isso, a absorção de teorias sociais para o bem-estar das populações chega como justificativa para a apreensão do saber turístico.

O discurso da distribuição e do aumento da renda para as populações residentes (ou receptoras) reduz todas as dimensões da vida destas populações ao dinheiro, ou seja, itens como educação, saúde, participação política, preservação cultural, etc. seriam assegurados com o aumento da renda. Alfredo (2001, p.52/53) polemiza ainda mais esta discussão:

> Sob o pretexto de trazer algum tipo de remuneração às comunidades locais – o que já é um contra-senso em si, pois muitas destas comunidades não definem sua sociabilidade a

[4] Estes especialistas estão sendo chamados atualmente de *"expert"* em turismo.

> partir de relações monetárias, portanto a inserção do dinheiro como definidor das formas de relações no interior das mesmas é já uma submissão de tais comunidades ao nexo do mercado [...]

Realidade que vem sendo imposta a diversas comunidades de pescadores por todo o litoral brasileiro, sobretudo no Nordeste do Brasil. Um exemplo latente, dentre vários outros, é o de Jericoacoara no litoral norte cearense[5].

Localidade privilegiada por uma beleza paisagística singular, onde vivia uma comunidade de pescadores quase que isolados do mundo, para uma das mais procuradas localidades turísticas por viajantes brasileiros e estrangeiros. "Jeri" como é atualmente chamada, foi transformada para o turismo. E os resultados dessas transformações negam os discursos proferidos pelos gestores e pensadores/promotores da atividade[6].

Sem se estender por outros temas como o da destruição do meio ambiente, o da descaracterização cultural, da destruição da vila antiga e da transformação do cotidiano do lugar, claramente visíveis em Jericoacoara, o tema da distribuição de renda foi observado nessa reflexão.

A distribuição das benesses provocadas pelo turismo segue a regra da acumulação capitalista, ou seja, concentra a riqueza produzida nas mãos de poucos, sendo estes, geralmente, investidores externos à comunidade local. Referente à comunidade, o turismo promove para poucos residentes a possibilidade de ascensão social, conforme constatado na série de entrevistas abertas realizadas. Em Jericoacoara algumas famílias anteverão a possibilidade de desenvolvimento do turismo, montando, com trabalho próprio, pousadas e camping para os turistas. Estas famílias diferenciam-se atualmente do resto da comunidade.

Existe também a aparente efetivação de direitos à população original (freqüentemente confundido com o tema da produção de renda) gerada por políticas públicas do governo estadual do Ceará.

---

[5] Visitei Jericoacoara durante os últimos seis anos (1998, 2000, 2003), assim observei sua rápida transformação.

[6] É importante explicitar que Jericoacoara foi e é uma das localidades onde ações do governo federal, por meio do Programa de Ação para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (Prodetur-NE), investe na expansão do turismo.

Ação certamente apoiada pela iniciativa privada visou efetivar o projeto de regularização fundiária das terras onde residem as famílias da comunidade de Jericoacoara. Isto é, transformam a terra antes "sem dono" e comunitária, onde as famílias tradicionalmente viviam, em mercadoria passível de compra e venda, levando os antigos moradores, agora legalmente proprietários da área, a venderam suas terras aos investidores externos à comunidade. Dessa forma, os preços pagos pelas terras, por mais injustos que possam ser, são tentadores às famílias de pescadores que antigamente não tinham suas relações sociais pautadas pura e simplesmente por relações monetárias. A venda é quase certa.

Voltemos à discussão de outras matrizes discursivas do turismo.

A cultura também está privilegiada neste discurso. A preservação e o resgate da cultura local e nacional são usados nas falas dos gestores dos projetos turísticos. Projetos estes, geralmente planificadores, com tendência a homogeneizar os lugares[7].

Quando o discurso da preservação cultural é usado, faz parecer que a cultura histórica dos povos está sendo quantificada através de valores monetários. Há uma mercantilização das especificidades culturais de cada povo apresentada como potencial de atração turística.

Justificar o desenvolvimento de toda a estrutura formada em prol do turismo significa afirmá-lo de forma unidimensional e linear apoiando-se nos números portadores da funcionalidade do sistema e no discurso aparentemente crítico a respeito dos problemas sociais da nossa sociedade. No âmago da crise, passada pela maioria das sociedades capitalistas do mundo e fortalecida pela concentração cada vez maior de riquezas em contrapartida ao aumento progressivo da miséria que atinge grande parte da população, o Turismo, reconhecido como produto criado e desenvolvido pelo modo capitalista de produção, é apresentado como estratégia de reordenamento social e cultural de parte destas populações. Seria o próprio sistema capitalista produzindo via mercado as soluções para os efeitos perversos causados pelo próprio mercado. Assim, a materialização das contradições provocada por este sistema aparece

[7] Hoje encontramos em Jericoacoara diversas opções de culinária, entre elas: a culinária japonesa, a culinária italiana, a culinária francesa e, como não podemos esquecer, a culinária cearense.

como apêndices ou como simples disjunções a serem resolvidas. A essência da contradição é negada.

III A CRENÇA NA POSSIBILIDADE DE "CIENTIFIZAÇÃO" DO TURISMO

Existe entre os turismólogos basicamente duas formas de apresentar o turismo como disciplina acadêmica-científica: primeiro, os que acreditam que o turismo seja um campo específico do conhecimento, que reúne um conjunto de saberes metódicos e sistemáticos sobre a realidade, por isso uma ciência; segundo, os que acreditam que o turismo ainda não se constitui enquanto ciência, embora, tão logo adquirirá este status diante do seu processo de desenvolvimento acelerado na realidade e, por conseguinte, no mundo acadêmico que se cria para interpretá-lo.

Miriam Rejowski, em seu livro "Turismo e pesquisa científica" afirma que:

> A evolução do estudo do Turismo, **compreensivelmente**, estimula os esforços e, pesquisa e ensino, de forma análoga ao processo de cientificidade já ocorrido em outras disciplinas mais antigas das ciências humanas e sociais, como a antropologia, geografia, sociologia e economia (1996, p. 17).

O grande problema gerado por esta crença na cientificidade da disciplina do turismo está na própria crença. A "fé científica"[8] calcada na exposição de métodos, metodologias e teorias destoa totalmente da fé, quase que religiosa, da cientificidade do turismo. A crença dos turismólogos é obtusa e procede por afirmações inquestionáveis e não pelo debate, discussão e exposição dos conceitos e das teorias para uma possível sistematização do conhecimento turístico. Constitui uma imposição que abstrai as regras científicas, operando por anomia e procedendo pela anominação.

[8] É claro que a fé e a ciência apresentam-se como antagônicos na história do conhecimento sistematizado. Refiro-me a "fé científica", o crédito que o pesquisador/cientista dá aos seus procedimentos de pesquisa e análise dos objetos para o conhecimento, sustentado por um corpo conceitual e teórico.

Não há um corpo de conceitos formado para interpretar o fenômeno turístico, há sim uma anominação das palavras. O tão difundido conceito de "desenvolvimento sustentável" transformou-se, na fala dos turismólogos, em turismo sustentável. Do conceito amplo e complexo do desenvolvimento sustentável para a imposição discursiva do turismo que traga desenvolvimento sustentável quer onde ele se instale[9]. Da construção da ciência segundo um tempo que é indeterminado à operacionalização desregrada de um amontoado de saberes reunidos de forma imediatista e camuflado teoricamente pelas teses do planejamento. Trata-se da mesma corrupção intelectual realizada pela exposição do conceito de "turismo social", já referenciada neste texto.

O conceito de "globalização" preso restritamente às noções mercadológicas é usado pelos turismólogos e gestores de turismo como justificativa dada a todas as dimensões produzidas pelo fenômeno turístico. Tudo é fruto da globalização. O mesmo acontece com o obscuro conceito de "pós-modernidade". O turismo é colocado como um dos principais representantes da pós-modernidade. A abstração da realidade representada pelo conceito como forma de interpretá-la e modificá-la é empobrecida pelo discurso turístico. A palavra retira o vigor do conceito, modificando-o e tornando-o simploriamente funcional e estratégico. A reflexão foi abstraída, operando por afirmação da palavra dada.

O mesmo ocorre com as teorias agregadas pelo pensamento turístico. Teorias como a do "desenvolvimento local", materializada na posição de municipalização das políticas de turismo, sustentam a

[9] Alfredo (2001) novamente polemiza esta questão: "Contudo, a relação sociedade x natureza, (tão cara ao conhecimento geográfico e por muitas vezes identificadora do próprio objeto da Geografia) que põe esta última como recurso natural, este processo não é suficiente para elucidar a relação sociedade x natureza contemporânea, onde o turismo realiza-se como expressão da mesma (...) Em outras palavras, o nosso argumento é de que o turismo do século XX expressa de forma fenomênica uma nova relação sociedade x natureza, onde esta última não se coloca apenas como pressuposto material do processo de produção no sentido estrito e amplo. Pelo contrário, ela passa de pressuposto a realizar-se como resultado do processo social e o turismo não só expressa como atua nesta inversão de posição da natureza diante de tal relação. Enfim, a natureza de dádiva, passa a ser produto, o que implica, por si só uma relação fetichizada do ser social com sua condição/produto material. A produção do natural, queremos insistir, permite já compreender uma contradição. Como é possível que o natural realize-se como produto industrial?" (p. 41)

implantação, quase sempre desastrosa, dos mega-projetos turísticos, sendo a comunidade local a maior prejudicada, ainda que o discurso de "desenvolvimento local" com o turismo sustentável, levados a cabo pela iniciativa privada e pelo poder público, esteja sempre presente nos projetos.

Em outra dimensão da análise, a racionalidade técnica dos competentes gestores do turismo, sob orientação teórico-metodológica vinda da Teoria do Sistema, tem como função encaixar as teorias na realidade, por isso, estes projetos não estabelecem correspondência direta com a vida das pessoas, a teoria é vista como pressuposto para a existência da realidade e não o contrário.

São os valores e as cifras que os interessam. Assim, o caráter de ciência para o Turismo equipara-se ao marketing.

IV A INTERDISCIPLINARIDADE COMO FUNDAMENTO

A interdisciplinaridade, entendida como o estabelecimento sólido da integração entre duas ou mais ciências ou disciplinas do conhecimento para a apreensão da realidade, está sendo colocada como o fundamento da disciplinarização/cientifização do turismo[10].

A utilização de estruturas conceituais e metodológicas de diversas disciplinas e de teorias que circulam livremente entre as ciências caracteriza a postura interdisciplinar das ciências humanas atualmente. Há uma interação mútua entre as disciplinas, por exemplo, a Geografia Urbana "dialoga" com a Sociologia Urbana e com os Arquitetos Urbanistas e vice-versa, na explicação/compreensão do fenômeno urbano. Os conceitos, teorias e metodologias são usados mutuamente para a explicação da realidade. As barreiras entre as ciências são plásticas e modeláveis e não rígidas e obtusas. Todavia, devemos levar em conta que as ciências, cada qual com a sua especificidade, diferenciam-se. A interdisciplinaridade impõe uma estrutura dialética às ciências, na medida em que a leva, ao mesmo tempo, a se negar e a se afirmar como um campo específico do conhecimento.

O que acontece com o Turismo?

A interdisciplinaridade como fundamento da disciplina do turismo não é mútua e multidimensional, é sim unidimensional, ou

[10] A Geografia, por exemplo, tem como fundamento para a sua existência acadêmica/científica a interdisciplinaridade.

seja, não há a interação entre conceitos, teorias e metodologias, já que o turismo não possui conceitos e teorias próprias para o diálogo entre as ciências. O que há é um simples "empréstimo" das estruturas conceituais, teóricas e metodológicas das outras ciências, como por exemplo, e por ordem de importância: da Economia, da Geografia, da Administração de Empresas ou Ciências da Gestão, da Sociologia, da História, das Ciências Ambientais, da Filosofia etc. O turismo acadêmico vive dentro de um "feirão" interdisciplinar.

Esta postura unidimensional do Turismo dada pelo simples "empréstimo" das outras ciências leva-o a negar-se continuamente enquanto disciplina acadêmica. Leva-o, em última instância, a negar a própria interdisciplinaridade.

Contudo, existe ainda uma proposição para o turismo: a proposição da transdisciplinaridade como fundamento. Esta entendida como a cooperação entre as ciências num nível em que não há a possibilidade de separá-las, surgindo, então, uma "macrodisciplina". Assim, todas as disciplinas negariam a si mesmo. Porém, há ainda um problema: a transdisciplinaridade serve às grandes teorias explicativas do funcionamento da sociedade e não a um fato da realidade como a expansão do turismo e não como fundamento de uma disciplina, já que a transdisciplinaridade consiste na negação das disciplinas.

Adyr A. B. Rodrigues em seu livro "Geografia e Turismo: reflexões teóricas e enfoques regionais", toma partido diante da discussão da interdisciplinaridade como fundamento da ciência do turismo:

> Diante dessas idéias acreditamos que não é mais o momento de investir na sistematização dos estudos do turismo para emprestar-lhe status científico de uma ciência autônoma [...] Visto assim, o fenômeno do turismo, por sua natureza complexa, reconhecida por todos os seus estudiosos, é um importante ***tema*** que deve ser tratado no âmbito de um quadro interativo de disciplinas de domínio conexo, em que o enfoque geográfico é de fundamental importância, uma vez que, por tradição, lida com a dualidade sociedade natureza (p. 21/22).

O que devemos questionar é: até que ponto uma dada atividade ou um dado tema/fenômeno do real apresenta-se como elemento suficiente para se estabelecer como objeto de uma ciência/disciplina? Ou ainda, se o turismo como tema contemporâneo se estabelece como ciência, temas como o da violência urbana e da moradia em favelas também poderiam ***ganhar*** estatuto científico?[11]

V. A (IM)POSSIBILIDADE DE AUTONOMIA CIENTÍFICA

Existe um fato da realidade que nos leva a refletir sobre a (im)possibilidade da autonomia científica nas pesquisas realizadas pelos turismólogos partindo de conceitos e métodos das outras disciplinas e mesmo pelas outras disciplinas independentemente.

O desenvolvimento frenético e acelerado da estruturação e da atividade turística imposta e exigida pelo mercado não favorece o tempo da reflexão crítica e sistematizada sobre a realidade. Os projetos são implantados e as pesquisas realizadas a revelia, sem que se dê importância a um tempo necessário para que o pensamento científico se desenvolva. Dessa forma, o pensamento sobre o turismo torna-se apenas um dos pilares para a implantação e funcionalidade dos projetos. Quando o pensamento lento nega a velocidade dos projetos e futuramente sua funcionalidade ele é extinto ou vigorosamente criticado (tanto no campo político como no campo acadêmico).

Concordo com a afirmação de Marutschka Moesch (2000, p. 17) de que:

> A pragmática do fazer antecipou a pesquisa científica, numa lógica brutal de mercado, e o espírito científico, ocasionalmente posto na produção de conhecimento, implica a idéia de mera performance para o setor produtivo [...].

Alfredo (2002) alarga esta reflexão defendendo a importância de um conhecimento que busque compreender mais do que propor, em uma luta contra o imediatismo das reflexões:

[11] Como a moradia subnormal ou a criação de ocupações residenciais irregulares e favelização constitui mais regra do que exceção nos espaços urbanos de todas regiões brasileiras, seria válido então criarmos uma ciência a partir dessa realidade? *"Favelologia"* seria um título obvio?

> O que pretendemos destacar aqui é o fato de que produzir reflexões para fora do utilitarismo a priori é um momento histórico possível [...] Se a consciência do real não muda o real, buscar mudá-lo sem alguma forma de consciência também não nos garante transformações. Tanto pior, reproduz o existente representando o diferente (p. 38).

Dessa forma, há conhecimentos produzidos a priori para interpretar e ordenar o fato empírico que ainda não se realizou ou que se realizará em um futuro bem próximo e há conhecimentos e teorias já existentes apropriados pelos pensadores/promotores de turismo na interpretação e ordenação de uma realidade historicamente consolidada. Talvez seja por isso a incessante utilização pelos turismólogos de uma linguagem que imponha os prefixos "pós", "neo", "new", etc.

Outro ponto que parece ser um grande empecilho à possibilidade de autonomia científica do pensamento sobre o turismo é a sua comunidade acadêmica. A grande maioria dos pensadores/promotores e autores do Turismo são, ao mesmo tempo, consultores das instituições públicas, das empresas privadas que estão investindo nesta atividade[12] e dos grandes capitais, como, por exemplo, do Banco Mundial. Estes parecem colocar a exigência do mercado para a implantação dos projetos turísticos na frente da reflexão e do debate acadêmico ou de discussões com a comunidade impactada. Os projetos são implantados custe o que custar.

Um engodo para todas as comunidades acadêmicas ocorre quando os intelectuais pactuam dos seus discursos e fecham-se em grupos de pesquisa. Ocorre o que o professor Milton Santos chamou de "coleguismo" no mundo acadêmico, quando os autores concordam tacitamente em não confrontarem as suas idéias, reafirmando-os em detrimento do debate destas idéias.

Como isto se dá no corpo acadêmico do Turismo?

Nas ciências que possuem uma grande comunidade acadêmica, como, por exemplo, na Economia ou na Geografia, este pacto entre

[12] Muitos destes professores/autores possuem o seu próprio escritório de consultoria.

os intelectuais ("coleguismo") aparece de forma explícita. Mas como são comunidades acadêmicas grandes, com diversas linhas de pesquisa, com orientações teórico-metodológicas e ideológicas diferentes, o confronto entre idéias, teses e teorias acontece ativamente. Existe o debate.

No Turismo, composto por uma comunidade acadêmica pequena, na qual seus pensadores em suas atividades de consultorias trabalham juntos, apresentando-se em grupo nos mesmos projetos ou na implantação das mesmas políticas públicas para o setor, compactuam das mesmas idéias, refletindo diretamente nas atividades da pesquisa acadêmica que parecem seguir apenas uma linha: a do pensamento funcionalista e planejador/planificador. Isto impossibilita o exercício do debate acadêmico, como a autonomia da reflexão crítica dentro do campo das ciências. O "coleguismo" impera. O debate não existe. E isto passa a ser uma condição para a permanência do turismo acadêmico.

Por fim, toda esta situação acerca da comunidade acadêmica do turismo é apoiada e exacerbada pelas editoras. Os editores estão publicando quase que mensalmente uma quantidade considerável de livros sobre o tema, já que a venda é garantida[13]. A maioria dos escritos publicados são prematuros e apresenta uma repetição das experiências e análises realizadas, embora exista uma grande variedade de temas tratados. Assim, a reflexão não progride e, por isso mesmo, reproduz, no interior do mundo científico a própria lógica da mercadoria, transformando tais discursos em produtos vendáveis para fomentar a lógica editorial.

VI CONCLUSÃO DO DESENVOLVIMENTO FRENÉTICO

Com o signo de pós-moderno o desenvolvimento acelerado do turismo em todas as suas instâncias nos é empurrado "goela a baixo". Ocorre, mais ou menos, o que Marshall Berman[14] chamou de ***turbilhão*** na transformação da vida das pessoas. Segundo este autor:

[13] Algo parecido com o "boom" da venda de livros alcançado pelas editoras que publicam títulos de organização empresarial e de auto-ajuda.

[14] BERMAM, MARCHAL – Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia. Das Letras, 1986.

> O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder coorporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastróficos crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades; Estados nacionais cada vez mais poderosos, burocraticamente estruturados e geridos, que lutam com obstinação para expandir o seu poder; movimentos sociais de massa e de nações, desafiando seus governantes políticos e econômicos, lutando por obter algum controle sobre suas vidas; enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial, drasticamente flutuante, em permanente expansão. No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de ***vir-a-ser***, vêm a chamar-se modernização (Berman,1986, p. 16).

O problema do Turismo, no seu pretenso campo do conhecimento, é que ele se apresenta como o ***ser*** e não como o ***vir-a-ser***. Como num processo de desenvolvimento e num exercício lógico, ele deve partir do ***vir-a-ser*** para então atingir a condição de ***ser***, como é atualmente considerado. Tal procedimento é essencial para que se possa compreendê-lo e analisá-lo. O ***ser*** do turismo é impositivo na sua realidade empírica e nas suas pré-teorias, dificultando as nossas reflexões. O ***ser*** aparece freneticamente como um estágio à frente do

vir-a-ser já superado. É assim que os intelectuais do turismo pensam, além do mais:

> Muitos artistas e trabalhadores intelectuais imergiram no mundo do estruturalismo, um mundo que simplesmente risca do mapa a questão da modernidade e todas outras questões a respeito da auto-identidade e da história. **Outros adotaram a mística do pós-modernismo, que se esforça para cultivar a ignorância da história e da cultura modernas e se manifesta como se todos sentimentos humanos, toda a expressividade, atividade, sexualidade e senso de comunidade acabassem de ser inventados – pelos pós-modernistas – e fossem desconhecidos, ou mesmo inconcebíveis, até a semana passada.** Enquanto isso, cientistas sociais, constrangidos pelos ataques a seus modelos tecnopastorais, abdicaram de sua tentativa de construir um modelo eventualmente mais verdadeiro para a vida moderna. Em vez disso, retalharam a modernidade em uma série de componentes isolados – industrialização, construção, urbanização, desenvolvimento de mercados, formação de elites – e resistem a qualquer tentativa de integrá-los em um todo (Berman, 1986, p. 32).

O turismo faz parte deste sistema retalhado de interpretação do mundo sustentado pelo discurso sistêmico da globalização pós-moderna. Dessa forma, a apreensão da realidade torna-se distante da própria realidade.

Talvez, como disse Berman sobre a modernidade **"voltar atrás seja a melhor maneira de seguir em frente"** para os turismólogos.

Contudo, defendo a importância dos estudos e pesquisas sobre a temática do turismo já que este se apresenta como um substancial fenômeno do mundo contemporâneo ou, para debater com os turismólogos, apresenta-se como um ***perpétuo estado de vir-a-ser.***

VII REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFREDO, Anselmo. 2001. ***Geografia do Turismo: a crise ecológica como crítica objetiva do trabalho. O turismo como ilusão necessária***. São Paulo: In: Revista Geousp, nº 9, Revista de pós-graduação do Departamento de Geografia da USP.

BERMAM, Marchal. 1986. ***Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade***. São Paulo: Cia. Das Letras.

MOESCH, Marutschka. 2000. ***A Produção do Saber Turístico***. São Paulo: Ed. Contexto.

REJOWSKI, Miriam. 1996. ***Turismo e Pesquisa Científica***. São Paulo: Ed. Papirus.

RODRIGUES, Adyr A. B. 1996. ***Geografia e Turismo: reflexões teóricas e enfoques regionais***. São Paulo: Ed. Hucitec.